

APOIO SOCIAL DE JOVENS A PESSOAS IDOSAS: UMA COMPREENSÃO BIOECOLÓGICA

Daniely da Silva Dias Vilela¹
Cirlene Francisca Sales Silva²
Cristina Maria de Souza Brito Dias³

RESUMO

O estudo objetivou analisar a percepção de pessoas idosas em relação ao apoio social que podem receber de jovens da mesma família, por meio de uma escala *Medical Outcomes Study* (MOS), fundamentada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Participaram nove pessoas, de ambos os sexos, na faixa etária entre 60 e 74 anos. Os dados foram coletados utilizando-se o questionário sociodemográfico e um questionário de apoio social. Neste estudo, o apoio social que se costuma receber de jovens da mesma família foi percebido pelos participantes de modo positivo. Estudos mostram que escores altos na percepção do apoio social ajudam na longevidade, manutenção da qualidade de vida e resiliência frente às transições ecológicas normativas e não normativas, mais evidentes nesta fase do ciclo vital. O fato de a pessoa idosa ter evidenciado apenas um jovem da mesma família, mesmo na existência de outros, sugere fragilidade da rede e risco na manutenção dos níveis satisfatórios de apoio. Os resultados chamam a atenção para a necessidade de intervenções com foco na ampliação do apoio social percebido pelo idoso no ambiente familiar, mas também em outros contextos do desenvolvimento, visto que a velhice é uma fase que demanda apoio além dos vínculos familiares estabelecidos. A relação com amigos, grupos de convivência, apoio institucional e políticas públicas que favoreçam a melhoria da renda, saúde, acessibilidade, presentes em outros contextos, são necessárias para o fortalecimento das redes de apoio.

Palavras-chave: Pessoa idosa; Jovens; Relações familiares.

INTRODUÇÃO

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) relatou que, do total de 210,1 milhões de brasileiros, 34 milhões eram idosos, no quarto trimestre de 2019. As projeções indicam que a população idosa tende a crescer no Brasil nas próximas décadas. Em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos (IBGE, 2020). A pesquisa apontou também que os idosos viviam em 25,1 milhões, dos 73,0 milhões de domicílios existentes no Brasil, o que significa que, em 34,5%

¹ Doutoranda e mestra em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – PE, daniely.2021803044@unicap.br;

² Prof.^a Doutora e mestra em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – PE, cirlene.silva@unicap.br

³ Prof.^a orientadora: Doutora e mestra em Psicologia pela Universidade de Brasília - UNB, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – PE, crisrina.msbd@gmail.com

dos lares brasileiros, existia, pelo menos, uma pessoa com 60 anos ou mais. As informações revelam que, apesar de representarem menos de 17% da população total, os idosos estavam presentes em mais de um terço dos domicílios.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico (DIEESE, 2020), dessa população com idade a partir de 60 anos, 83,2% moravam com outras pessoas no domicílio e 16,8% viviam sozinhas. Os dados mostram ainda que uma parcela dos idosos colabora com o sustento dos lares onde vivem com outras pessoas. Vale ressaltar que 24,9% dos domicílios no Brasil têm pessoas com 60 anos de idade ou mais que contribuem com 50% da renda domiciliar a partir de suas aposentadorias, pensões, rendimento do trabalho ou de outro tipo.

Além do exposto, observa-se que o fenômeno do maior alcance da longevidade reverbera na convivência de até cinco gerações da mesma família (SILVA, 2019). Nesse contexto, as pessoas idosas, por vezes, contam com a ajuda dos jovens da mesma família diante de situações que demandam apoio social/ajuda. Com isso, no ano de 2019, mais brasileiros tiveram que cuidar de seus parentes idosos. Assim, o número de familiares que estiveram cuidando de pessoas com 60 anos ou mais saltou de 3,7 milhões em 2016 para 5,1 milhões em 2019 (IBGE, 2020).

Destaca-se que as maiores proporções de familiares que cuidam de idosos estão nas regiões Nordeste e Norte. Aponta-se que o percentual de pessoas que cuidam de idosos é maior nos estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte (15,2%), primeiro no ranking nacional, Maranhão (12,3%), Ceará (11,9%), Paraíba (11,7%), Piauí (11,3%), Bahia (11,3%), Pernambuco (menos que 11%) e da região Norte, como Tocantins (11,5%) e Amazonas (11,4%). Outros destaques no Sudeste e Sul são o Rio de Janeiro (12,3%) e o Rio Grande do Sul (10,7%), que concentram as maiores proporções de idosos na população (IBGE, 2020).

Diante do contexto apresentado acima, expressa-se o quantitativo de familiares que cuidam de pessoas idosas. E que há uma tendência natural, cada vez maior, da necessidade de parentes que possam acolher e cuidar dos seus idosos, visto o maior alcance da longevidade. Nesse sentido, a pesquisa proposta justifica-se por sua importância ao propiciar reflexões acerca do apoio social necessário para uma população longeva, sobretudo por meio da família. Nos países desenvolvidos, tais como Portugal, Espanha, Japão, Estados Unidos, entre outros, ocorreu uma preparação no sentido de infraestrutura para acolher esta população emergente, enquanto o Brasil envelheceu sem se programar, existindo um descompasso no acolhimento a essas pessoas. Dessa forma, o Estatuto do Idoso (2003) propõe que seja a família a primeira a

ajudar seus(suas) idosos(as). Tal apoio é traduzido como solidariedade intergeracional.

A investigação objetivou analisar a percepção de pessoas idosas em relação ao apoio social que podem receber de jovens da mesma família, fundamentada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Mais especificamente, pretendeu: 1) avaliar a percepção de pessoas idosas acerca do apoio social que podem receber de jovens da própria família, por meio do Questionário de Apoio Social proposto na versão original aplicada no Medical Outcomes Study; 2) realizar uma leitura bioecológica dos resultados.

O APOIO SOCIAL A PARTIR DA COMPREENSÃO BIOECOLÓGICA

O conceito de apoio social passou a ser debatido a partir das teorias do contato social (JULIANO;YUNES, 2014), como a Teoria do Comboio Social e da Seletividade Socioemocional, desenvolvidas no final do século XX (PAPALIA; FELDMAN, 2013). A primeira, proposta por Kahn e Antonucci, enfatiza que as “pessoas passam pela vida cercadas por círculos concêntricos de relacionamentos íntimos, dos quais elas se valem em busca de assistência, bem-estar e apoio social” (p. 554).

A segunda, conforme as referidas autoras, apresentada por Laura Carstensen, “oferece uma perspectiva para a vida toda de como as pessoas escolhem com quem passarão o seu tempo” (p. 555). Nessa perspectiva, os objetivos que compõem a interação social consistem em três e predominam em algumas fases da vida: na infância, a ajuda para o desenvolvimento pessoal e emocional, na adolescência e fase adulta, a necessidade de informação e, na meia idade, a necessidade de informação persiste, mas são funções reguladoras como as da emoção e contatos sociais que se sobrepõem (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Em suma, a partir da meia idade, as pessoas buscam estabelecer interações relacionadas com a satisfação emocional.

Determinados estudos sobre o apoio social foram realizados com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Dentre eles, destacam-se os temas sobre: violência conjugal, funcionamento familiar, adolescentes e jovens em situação de risco, resiliência, desenvolvimento da criança e patologias (AMPARO et al., 2008; DIAS; LEITE, 2014; JULIANO; YUNES, 2014; MORAIS et al., 2012; POLETTO; KOLLER, 2008; ROCHA, et al., 2017). Durante a pesquisa, não foram localizados trabalhos ligados à temática do estudo proposto.

Na perspectiva bioecológica, o apoio social faz referência a um conjunto de sistemas que interagem com pessoas - em seus círculos de relações percebidas e recebidas pelos sujeitos

- no seu ambiente ecológico (BRITO; KOLLER, 1999; DIAS; LEITE, 2014). O ambiente é um “elemento essencial para as inter-relações, uma vez que nele ocorrem os processos proximais, as interações face a face entre as pessoas, os objetos e os símbolos, caracterizando-se um método de pesquisa do desenvolvimento no contexto” (BENETTI et al., 2013, p. 97). É a partir das interações que a pessoa estabelece com o meio em que vive, enquanto se desenvolve, que se apreende o significado e a importância do apoio social nas diversas fases da vida.

O desenvolvimento humano, na concepção Bioecológica, é o resultado de uma construção social e histórica, não universal, cultural e específica. As diversas realidades dependem da junção de fatores culturais, históricos e sistemas bioecológicos presentes nos mais variados contextos (BENETTI et al., 2013; BRONFENBRENNER, 1996).

A família, a comunidade, o trabalho e a escola fazem parte da teia de relações presentes no ciclo vital dos seres humanos. A partir das interações estabelecidas nestes contextos bioecológicos, as pessoas se desenvolvem e conquistam seus espaços. As relações entre pessoas e ambientes podem servir como fonte de apoio em situações de mudança e crise, bem como podem oportunizar o desenvolvimento, a depender da qualidade das relações e condições de sobrevivência, trabalho, escolaridade, lazer, suporte e afeto (BRITO; KOLLER, 1999; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Conforme os autores referenciados, o apoio social oferecido pelas redes relacionais se sustenta a partir dos laços de afeto e percepções que o sujeito detém do seu mundo social, de suas habilidades e dos meios acessíveis à proteção. Para Urie Bronfenbrenner (1996), precursor da (TBDH), o apoio fornecido pelas redes sociais e familiares pode influenciar o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas ao longo de suas vidas. Logo, a qualidade dessas interações nos diversos contextos pode impactar de modo positivo ou negativo a saúde biopsicossocial das pessoas (YUNES et al., 2007).

Para Brito e Koller (1999), Poletto e Koller (2008) e Yunes (2003), os fatores constitucionais das pessoas em associação aos ambientais podem funcionar como promotores de resiliência e fatores de proteção. Determinados aspectos podem auxiliar o desenvolvimento emocional e social das pessoas: autoestima, autonomia, ambiente familiar afetivo e coeso e redes de apoio social acessíveis, que auxiliem na superação de obstáculos e mudanças próprias ao ciclo vital.

O apoio social deve ser avaliado a partir da dinâmica das interações durante o desenvolvimento de uma pessoa e seu modo de atuação em momentos singulares do ciclo vital. Em algumas situações e fases da vida, a necessidade de apoio pode ser mais necessária. Dentre

elas, estão as transições ecológicas normativas, isto é, o nascimento, infância, adolescência, fase adulta, casamento e velhice, como também são salientadas as não normativas, tais como doenças, acidentes, traumas etc. (BRONFENBRENNER, 1996). Fatores de risco e proteção nessas etapas variam conforme as circunstâncias associadas às percepções, às crenças, à cultura, ao tempo histórico e social, nos quais pessoas e grupos estão inseridos (JULIANO; YUNES, 2014).

Portanto, a presença de uma rede de apoio social eficaz pode influenciar o planejamento de estratégias para superar momentos de crise. Sua eficácia pode ser avaliada a partir da redução de sintomas como: depressão, angústia, ansiedade, sentimento de desamparo, entre outros (BRONFENBRENNER, 1996). A ausência de um apoio social na fase da velhice pode configurar uma situação de risco à saúde biopsicossocial e obstruir os processos de desenvolvimento.

Os contextos do desenvolvimento

Os contextos do desenvolvimento são os elementos físicos, sociais e culturais disponíveis a um sujeito (BRONFENBRENNER, 1996). O contexto ou ambiente ecológico é formado por um conjunto de sistemas interdependentes. Eles podem ser visualizados “topologicamente como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, em que uma está contida na seguinte” (BRONFENBRENNER, 1986, p. 18).

Os níveis que formam os contextos ecológicos englobam desde o mais imediato, o microsistema, até o mais distante, o macrosistema. Entre eles, predominam a influência bidirecional e a inter-relação, que não estão restritas ao aspecto físico ou às interações face a face entre os sujeitos, mas envolvem outros contextos e as relações indiretas entre as pessoas (POLONIA et al., 2008).

O microsistema refere-se ao ambiente mais imediato, visto que nele se investiga o estabelecimento de papéis, as atividades e as interações face a face desenvolvidas; também é nele que ocorrem os processos proximais ou interacionais. Para Bronfenbrenner (1996), esses processos constituem a mola propulsora para o desenvolvimento. Como exemplo, tem-se o relacionamento que as pessoas idosas estabelecem com um jovem da mesma família.

O mesossistema trata da relação entre dois ou mais contextos e nele é possível identificar as interações que ocorrem entre os microsistemas, contextos primários e secundários onde a pessoa idosa em desenvolvimento está inserida (BRONFENBRENNER, 1996). Por exemplo,

as relações do(a) idoso(a) com a família extensa, com as pessoas da igreja, dos grupos de convivência, do posto de saúde, entre outros.

No exossistema, também ocorre a relação entre dois ou mais contextos, mas difere do mesossistema, pois o(a) idoso(a) não está inserido nele. Desse modo, mesmo não sendo estabelecida uma relação proximal, mas distal, a pessoa é afetada indiretamente (BRONFENBRENNER, 1996). Nesse sistema, estão as instituições tais como: o trabalho, a universidade, a escola dos filhos, sobrinhos e netos.

O macrosistema é um contexto mais amplo (engloba o microsistema, o mesossistema e o exossistema) e nele são identificadas ideologias, crenças, valores, religiões, formas de governo, presentes na cultura ou subcultura dos participantes (BRONFENBRENNER, 1996). O referente sistema retrata a estrutura política e social: as leis de proteção à pessoa idosa, políticas públicas de acessibilidade, de planos de saúde, de regulação nos salários de aposentadorias, as crenças, mitos, preconceitos (ageísmos) e outros.

O tempo, também conhecido como cronossistema, refere-se às situações, alterações e mudanças que ocorreram no ciclo vital da pessoa, como: biológicas, ecológicas e sociais. Também está relacionado com os eventos históricos ou pessoais que influenciam a dinâmica dos processos interacionais entre a pessoa idosa, o jovem da mesma família e seus respectivos ambientes (BENETTI et al., 2013; POLONIA et al., 2008).

MÉTODO

Método Trata-se de um estudo analítico, exploratório, transversal, com amostra por conveniência, de abordagem qualitativa, que buscou avaliar a percepção do apoio social que a pessoa idosa poderá receber de jovens da mesma família, a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH).

Participantes

Os critérios para participar da pesquisa, foram os seguintes: ser idoso com idade entre 60 e 74 anos, ter condições cognitivas de responder aos instrumentos, autonomia e independência física. O porquê de o critério de inclusão ser limitado à idade de 74 anos, justifica-se pela concordância com o pressuposto de Neri (2013), que entende a velhice como a última fase do ciclo vital, que é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especialização cognitiva, o que

poderá se desenhar depois dos 74 anos de idade. Nesse período, ressalta-se que a saúde e as capacidades físicas e cognitivas podem oscilar, com o surgimento de doenças que não se evidenciaram na fase anterior, prejudicando a autonomia e a independência, embora a maioria das pessoas encontre formas de compensação. Participaram nove idosos, com idade entre 60 e 74 anos (três homens e seis mulheres), que tinham condições cognitivas de responder aos instrumentos da pesquisa, independentemente de classe social, gênero, nível de escolaridade, profissão, estado civil e religião. Os(As) idosos(as) foram indicados por pessoas do conhecimento dos presentes pesquisadores.

Procedimentos éticos e de coleta de dados:

Instrumentos

Nesta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário sociodemográfico: composto de informações sobre os participantes, como idade, estado civil, filhos, netos e sobrinhos, além da relação de parentesco que tinham com o jovem escolhido.

Questionário de Apoio Social: o apoio social foi medido pela escala Medical Outcomes Study (MOS), cujo objetivo é avaliar a funcionalidade e as dimensões do apoio (SHERBOURNE; STEWART, 1991). Entre 2001 e 2005, o referido instrumento foi traduzido, adaptado e validado no Brasil por Griep et al. (2005). Essa escala é composta por 19 questões cujas opções de resposta variam de (1. nunca; 2. raramente; 3. às vezes; 4. quase sempre; 5. sempre) e possui os seguintes domínios (SILVA et al., 2020):

Apoio material - Que o ajude, se ficar na cama? Para levá-lo ao médico? Para ajudá-lo nas tarefas diárias, se ficar doente? Para preparar suas refeições, se você não puder prepará-las?

Apoio afetivo - Que demonstre amor e afeto por você? Que lhe dê um abraço? Que você ame e que faça você se sentir querido?

Apoio emocional - Para ouvi-lo, quando você precisar falar? Em quem confiar ou para falar de você ou sobre seus problemas? Para compartilhar suas preocupações e medos mais íntimos? Que compreenda seus problemas?

Apoio informação - Para dar bons conselhos em situação de crise? Para dar informação que o ajude a compreender uma determinada situação? De quem você realmente quer conselhos? Para dar sugestões de como lidar com um problema pessoal?

Apoio interação social positiva - Com quem fazer coisas agradáveis? Com quem distrair a cabeça? Com quem relaxar? Para se divertir junto?

Coleta de dados: inicialmente, o projeto seguiu para a aprovação pelo Comitê de Ética da universidade que apoiou a pesquisa, tendo sido aprovado sob o número de parecer 1.947.588.

No dia e local agendados pelo participante, este foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE e, em seguida, assiná-lo. Depois disso, respondeu individualmente, de forma oral, ao Questionário sociodemográfico e ao Questionário de apoio social. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Foi enfatizada a garantia do sigilo das informações. Todos os participantes foram informados sobre a gravação da entrevista, bem como acerca da anotação e transcrição dos conteúdos. Foram utilizados nomes fictícios para preservação de sua identidade, assim como foi solicitada autorização para gravar e transcrever as entrevistas.

Procedimento de Análise de dados

A análise dos dados que são apresentados seguiu a metodologia do desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner (2004; 2005). Parte do estudo das interações entre as pessoas, objetos e símbolos do ambiente, não são restritas ao aspecto físico ou às relações face a face entre os sujeitos.

Nesse sentido, organizou-se o material a partir de uma leitura minuciosa e, posteriormente, foi separado em partes, o que permitiu identificar as interações estabelecidas pela pessoa idosa em seus contextos do desenvolvimento (microsistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema).

As análises estatísticas e inferências foram realizadas no software estatístico Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 23.0, sendo considerado o nível de significância de 5% e intervalos de confiança de 95%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionário sociodemográfico

Participantes (pessoa idosa)	idade	Estado Civil	Filhos(as)	Netos(as)	Sobrinhos(as)	Escolha/grau de parentesco
Paulo	60 anos	casado	02 homens 01 mulher	-	-	01 filha/1º grau
Isabel	64 anos	casada	01 homem 01 mulher	03 netas	30 sobrinhos (as)	01 neta/2º grau
Maria	67 anos	viúva	01 homem 02 mulheres	-	-	01 filha/1º grau
Matheus	67 anos	casado	-	-	10 sobrinhos(as)	01 sobrinho/3º grau
Débora	67 anos	casada	01 homem 01 mulher	-	-	01 filha/1º grau
Ana	67 anos	viúva	03 homens 01 mulher	09 netos(as)	-	01 neto/2º grau
Ester	68 anos	solteira	02 mulheres	-	10 sobrinhos(as)	01 sobrinha/3º grau
Eva	68 anos	solteira	03 homens 02 mulheres	11 netos(as)	-	01 neta/2º grau
Samuel	74 anos	casado	05 homens 03 mulheres	13 netos(as)	-	01 neto/2º grau

Tabela 1: Descrição dos(as) participantes

De acordo com dados dispostos na tabela 1, a média de idade ficou em 67,33 anos; cinco são casados(as), dois viúvos(as) e, dois, solteiros(as); oito têm filhos(as), quatro têm netos(as) e três, sobrinhos(as). Sobre a relação de parentesco com o jovem escolhido, enquanto aquele, que lhe proporcionaria apoio social em caso de demanda necessária, foram dois netos e duas netas; um sobrinho e uma sobrinha; três filhas. Observa-se a prevalência da escolha por pessoas do sexo feminino e, em grau de parentesco, por netos(as), embora as pessoas idosas também tivessem filhos(as) e sobrinhos(as).

Com relação à quantidade de pessoas com as quais a pessoa idosa pode contar em seu *microsistema e mesossistema*, foi apontado apenas um jovem, mesmo diante da existência de outros familiares na mesma faixa etária. Para Bronfenbrenner (1996), a ausência de outras pessoas que ofereçam apoio, nestes contextos, possui efeito negativo sobre o desenvolvimento. Dado que as “terceiras pessoas”, presentes na tríade relacional, servem de suporte na execução de atividades que promovem o desenvolvimento do sujeito. A marca desta ausência se imprime na indisponibilidade destes terceiros para atuar de modo construtivo (ROCHA *et al.*, 2019).

Esse pode ser um indicativo de fragilidade das interações no que se refere ao grau de intimidade e reciprocidade (BRONFENBRENNER, 1996), uma vez que pessoas idosas tendem a manter uma rede de contatos sociais mais reduzida (PAPALIA; FELDMAN, 2013), outras fontes

de apoio do seu ambiente ecológico podem deixar de figurar como alternativas ao enfretamento em situações de estresse ou trauma.

Quanto à prevalência da escolha por pessoas do sexo feminino, McGoldrick (2007) acrescentou que em diversas culturas prevalece a concepção do cuidar como uma função feminina. Por diversos motivos, quando um idoso necessita de cuidados por parte de algum familiar, é mais provável que uma pessoa do sexo feminino assuma esse papel. Os homens geralmente ajudam burocraticamente, financeiramente, mas o cuidado mais básico e próximo fica a cargo das mulheres (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Elementos culturais, presentes no *macrossistema*, marcados pelo tempo -*cronossistema* - perpassam os diversos contextos do ambiente ecológico e influenciam a percepção das pessoas jovens e idosos da mesma família. Nesse contexto, a percepção centrada no papel feminino, pode atuar de forma prejudicial, visto que as estratégias de busca pelo apoio, por parte do idoso, se encontram reduzidas, em caso de adversidades.

Variáveis da cultura ocidental, como o idadismo – preconceitos com relação à velhice – são componentes danosos ao estabelecimento de interações sociais positivas por parte das pessoas jovens (PAPALIA; FELDMAN, 2013). De modo igual, o idoso pode ver a pessoa jovem como omissa, individualista, desinteressada. Por vezes, tais discriminações podem funcionar como elementos perturbadores, pois dificultam os processos interacionais e de desenvolvimento saudáveis reduzindo as possibilidades de apoio por parte das redes sociais.

Questionário de apoio social

As respostas/resultados seguem descritos de acordo com a análise estatística e, em continuidade, à discussão baseada na leitura Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Tabela 2: Análise estatística: domínios, respostas e frequência

Domínios	Respostas/Frequência				
	1) nunca	2) raramente	3) às vezes	4) quase sempre	5) sempre
Material	0	3 %	0	5 %	92%
Afetivo	0	0	11 %	4 %	85 %
Emocional	0	6 %	0	11%	83 %
Informação	3 %	3 %	8 %	6%	80 %
Interação social positiva	0	0	8 %	3 %	89 %

Para todos os tipos de apoio abaixo elencados, foi questionado à pessoa idosa, por meio do questionário de apoio social, o seguinte: “se você precisar, com que frequência (1. nunca;

2. raramente; 3. às vezes; 4. quase sempre; 5. sempre) conta com alguém?” neste caso, com um(a) jovem da mesma família:

Apoio Material - *que o ajude, se ficar na cama? Para levá-lo ao médico? Para ajudá-lo nas tarefas diárias, se ficar doente? Para preparar suas refeições, se você não puder prepará-las?* Neste tipo de apoio, 92% dos idosos responderam que poderiam contar sempre com o jovem indicado. A percepção positiva acerca do apoio material pode estar relacionada a maior convivência do idoso com filhos, netos e sobrinhos em domicílios multigeracionais (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Como este tipo de apoio estaria mais relacionado a procedimentos operacionais e instrumentais, conviver com mais de uma pessoa aumentaria as possibilidades de se obter.

A percepção do idoso para com um jovem da família, não nos fala sobre a qualidade dos processos interacionais com as outras pessoas do domicílio. O bom relacionamento entre os membros da família é indispensável ao desenvolvimento e a qualidade de vida da pessoa idosa em seu ambiente ecológico. O apoio material constante, regular, corrobora para o desenvolvimento da pessoa idosa e facilita a interação com os outros sistemas nos quais está inserida.

Ainda com relação a este tipo de apoio, outros 5% dos participantes responderam que poderiam contar quase sempre e, 3% raramente, com o jovem escolhido. Para esses idosos, a oferta de apoio parece ser limitada. Em alguns casos, a existência de impasses pode dificultar o oferecimento desses recursos, prejudicando a relação da díade. Esses dados também podem figurar risco, o que impossibilita os processos de desenvolvimento da pessoa idosa. Dado que, o envelhecimento provoca o declínio da força, resistência, equilíbrio e tempo de reação, tornando esse tipo de apoio indispensável nessa fase da vida (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Apoio Afetivo - *Que demonstre amor e afeto por você? Que lhe dê um abraço? Que você ame e que faça você se sentir querido?* - 85% dos idosos disseram que podem contar sempre com o jovem escolhido. Escores altos com relação ao apoio afetivo também foram encontrados por Pinto et al. (2006) em um estudo com mulheres idosas - idades entre 60 e 69 anos - com objetivo de descrever as características do apoio social e identificar associações entre as variáveis sociodemográficas e categorias de suporte social. Eles constataram que o maior índice de apoio afetivo estaria associado a presença de mais pessoas vivendo em domicílios multigeracionais. Logo, a convivência entre as gerações no microsistema familiar pode ser um fator positivo, pois aumentaria as possibilidades de a pessoa idosa receber um apoio afetivo.

Com relação a presença do apoio afetivo no microsistema, Papalia e Feldman (2013) pontuam que os laços entre pais e filhos tendem a permanecer fortes na velhice, sendo eles os principais responsáveis em proporcionar “uma ligação com outros membros da família, os netos principalmente” (p.629). Em nossa pesquisa destaca-se a presença mais expressiva dos netos e as filhas podem ser as principais responsáveis por esse elo.

Ainda no tocante ao apoio afetivo, 11% dos participantes disseram que podem contar às vezes e, 4%, quase sempre. A resposta desses idosos(as) reflete um distanciamento entre os membros no microsistema familiar. A carência de afeto contribui para depressão e, conseqüentemente, para o surgimento de outras patologias (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Desse modo, destaca-se a importância de fortalecer o relacionamento afetivo intergeracional por meio de ações que envolvam os diversos sistemas bioecológicos, pois este tipo de apoio também pode ser oferecido pela comunidade em geral. Por exemplo, o apoio religioso na igreja, de amigos nos grupos de convivência, entre outros.

Apoio Emocional - Para ouvi-lo, quando você precisar falar? Em quem confiar ou para falar de você ou sobre seus problemas? Para compartilhar suas preocupações e medos mais íntimos? Que compreenda seus problemas? - 83% dos participantes disseram que podem contar sempre com o apoio do jovem escolhido. No estudo de Pinto et al. (2006) foram igualmente encontrados escores altos para o apoio emocional em idosos que residiam em domicílios com três a nove pessoas e, mais baixos, entre os que viviam sozinhos ou com uma pessoa. Desse modo, concluiu-se que, idosos que vivem em lares onde residem mais pessoas recebem mais apoio emocional.

Na pesquisa referenciada, os idosos relacionaram o apoio emocional a manifestações de empatia, amor, confiança, escuta, estima e interesse. Pinto et al. (2006) concluíram que, níveis reduzidos deste tipo de apoio podem contribuir para o aumento da solidão entre os idosos.

Em nossa pesquisa, 11% dos participantes disseram poder contar quase sempre e, 6% raramente com o jovem escolhido. Logo, 17% dos participantes não recebem apoio emocional sempre. Esses resultados podem apontar para a possibilidade de obstáculos interacionais estarem atuando entre os sistemas, tais como, conflitos permeados por críticas, rejeição, ausência de reciprocidade. A ausência deste apoio pode contribuir para a insatisfação com a vida na velhice, o que colabora para o aumento das dificuldades no enfrentamento ao estresse e traumas provocados por lutos, doenças, acidentes e outros. O que pode ocasionar aumento do estresse e risco a saúde biopsicossocial (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Apoio Informação - Para dar bons conselhos em situação de crise? Para dar informação que o ajude a compreender uma determinada situação? De quem você realmente quer conselhos? Para dar sugestões de como lidar com um problema pessoal? - 80% dos participantes referem poder contar sempre com o jovem escolhido quando necessita obter informações. No contexto atual, esse resultado pode constituir um dado positivo. Uma vez que, a tecnologia da informação mudou a forma de o humano se relacionar com pessoas e objetos, dominar as ferramentas digitais para resolução de questões cotidianas ou contar com alguém que lhe ofereça informação, passou a ser fundamental.

Diante disso, alguns idosos possuem habilidades e dominam as novas tecnologias, por outro lado, têm-se os que não se sentem aptos a manuseá-las. Para esses últimos, contar com o apoio da informação contribui para amenizar os níveis de estresse e corrobora para o continuum aprendizado e desenvolvimento.

Um estudo conduzido por Santos et al. (2019) com objetivo de verificar a percepção dos idosos sobre seu processo de comunicação no envelhecimento, constatou que os participantes não mencionaram aspectos relativos as perdas biopsicossociais provocadas pelo processo de envelhecimento, mas o interesse em dialogar sobre as tecnologias de informação e comunicação. Acrescentaram compreender a tecnologia como uma oportunidade de aproximar as pessoas, considerando a distância geográfica, e afastar os que vivem em grau de proximidade maior, no microsistema. Além disso, também percebem “a separação dos vínculos familiares e a dificuldade de comunicação com os mais jovens, evidenciando uma dificuldade de comunicação intergeracional” (p.04).

No estudo referenciado, destaca-se a dificuldade que a pessoa idosa encontrou para estabelecer um diálogo mais próximo com as pessoas do domicílio, principalmente os mais jovens. Em nosso estudo, 8% dos participantes disseram que raramente podem contar com o jovem escolhido, 6% quase sempre e, 3%, nunca. Logo, 17% dos idosos sentem-se desfavorecidos com relação a oferta do apoio informação em seu microsistema familiar. Esses dados, podem refletir o distanciamento comunicacional entre os membros da família e, conseqüentemente o declínio do apoio informação nesses contextos.

A necessidade desse apoio para alguns idosos está para além do microsistema, a exemplo disso, têm-se, as transações bancárias, marcação de consultas médicas por meio de aplicativos, consultas com profissionais de saúde por meio de vídeo chamadas, dentre outros. O advento das tecnologias e as transformações sociais produziram impactos a nível micro e

macrossistêmico. Logo, a interação bidirecional entre os sistemas impacta as relações que o idoso estabelece com objetos e símbolos no seu ambiente ecológico.

Diante disso, se percebe a importância do desenvolvimento saudável dessas interações, que parece estar proporcionalmente relacionado ao modo como se constroem ao longo do tempo (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Assim, uma comunicação clara e aberta, entre os jovens e os(as) idosos(as) da mesma família poderia amenizar alguns dos impactos produzidos no contexto atual sobre as relações.

Apoio Interação social positiva - *Com quem fazer coisas agradáveis? Com quem distrair a cabeça? Com quem relaxar? Para se divertir junto?* – 89% dos participantes disseram que podem contar sempre com o jovem escolhido. Esse resultado foi o segundo maior percentual de apoio percebido pela pessoa idosa. Os idosos do presente estudo parecem perceber que há mais possibilidades de participar de atividades sociais, diversão e descontração.

Ainda com relação a este apoio, 8% dos idosos disseram poder contar às vezes e, 3%, quase sempre. As variáveis nunca e raramente não foram mencionadas, confirmando a presença deste apoio para além do microsistema familiar. Esse resultado se contrapõe aos encontrados por Pinto et al. (2006), no qual o apoio interação social positiva apresentou escores mais baixos: os idosos perceberam dificuldade maior em estabelecer interações sociais e de descontração com as pessoas jovens.

Conforme os dados apresentados na Tabela 2 (frequência *sempre*, domínios: *material* 92%; *interação social positiva* 89%; *afetivo* 85%; *emocional* 83%; *informação* 80%), os participantes demonstram possuir elementos disponíveis em seu *microsistema* e *mesossistema*, capazes de favorecer uma percepção positiva, pois imaginam poder contar com o apoio de um parente mais jovem, caso seja necessário.

Alguns estudos, igualmente apresentaram resultados elevados na percepção de apoio social. Karnell et al. (2006) examinaram a prevalência e os fatores de risco relacionados a sintomas depressivos persistentes e de curto prazo, em pacientes com câncer de cabeça e pescoço, com idades entre 55 e 78 anos. Os autores encontraram escores altos com relação à percepção de apoio social relacionados a dimensões como a capacidade de expressão, percepção da aparência, rebaixamento nos sintomas de depressão e boa saúde mental. Desse modo, destacaram que intervenções com foco na melhoria da percepção de apoio tende a aumentar a longevidade das pessoas.

Santana *et al.* (2008) descreveram as correlações entre as variáveis de apoio social e estratégias de enfrentamento face ao diagnóstico de câncer. Ao correlacionarem os índices

elevados na percepção de apoio (afetivo, informação, emocional, interações sociais positivas) concluíram que, o ambiente social é percebido como acolhedor. Nesses contextos, existem demonstração de afeto, confiança, empatia e disposição dos membros para aconselhar e sugerir possibilidades para resolução de problemas. Os autores corroboram os achados do estudo de Karnell *et al.* (2006), no qual a percepção de apoio social positiva atua como fator protetivo a sintomas depressivos, favorecendo a saúde e o bem-estar das pessoas.

Diante disso, podemos inferir que a percepção de apoio positiva por parte dos participantes, tende a favorecer a manutenção da satisfação com a vida e a atuar como fator protetivo, produzindo um estado resiliente, mesmo diante de transições ecológicas normativas e não normativas, geralmente mais evidentes na velhice.

Portanto, embora o idoso(a) apresente percepção positiva do apoio que poderá receber de um jovem, este estudo demonstra a necessidade de ampliação da rede para outras pessoas no microsistema familiar. A ausência de interações em grau de intimidade e reciprocidade pode ser um indicativo de fragilidade, impedindo a manutenção de níveis satisfatórios de apoio indispensáveis nesta etapa do ciclo vital.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo objetivou analisar a percepção de pessoas idosas em relação ao apoio social que poderá receber de jovens da mesma família, por meio de uma escala *Medical Outcomes Study* (MOS), fundamentada pela leitura da Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, o apoio social se refere a um conjunto de sistemas que interagem com pessoas em seus círculos de relações percebidas e recebidas pelos sujeitos no seu ambiente ecológico.

Neste estudo, o apoio social que poderá receber de jovens da mesma família, foi percebido pelos participantes de modo positivo. Estudos apontam que escores altos na percepção do apoio social ajudam na longevidade, manutenção da qualidade de vida e resiliência frente às transições ecológicas normativas e não normativas, mais evidentes nesta fase do ciclo vital.

O fato de a pessoa idosa ter apontado apenas um jovem da mesma família, mesmo na existência de outros, sugere fragilidade da rede e risco na manutenção dos níveis satisfatórios de apoio. Conclui-se sobre a necessidade de saber mais sobre a qualidade dessas relações entre os contextos ou dentro deles.

Portanto, os resultados chamam a atenção para a necessidade de intervenções com foco na ampliação do apoio social percebido pelo idoso no ambiente familiar, mas também em outros contextos do desenvolvimento, visto que a velhice é uma fase que demanda apoio para além dos vínculos familiares estabelecidos. A relação com amigos, grupos de convivência, apoio institucional, políticas públicas que favoreçam a melhoria da renda, saúde, acessibilidade, presentes em outros contextos, são necessárias para o fortalecimento das redes de apoio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner.**

Apresentação Slideshare/Scribd, 2011. Recuperado

de: <https://pt.slideshare.net/Thiagodealmeida/modelo-bioecolgico-do-desenvolvimento-de-bronfenbrenner-7898817>

AMPARO, D. M., GALVÃO, A. C. T., ALVES, P. B., BRASIL, K. T. & KOLLER, S. H.

Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. Estudos de Psicologia, 13 (2), 165-174, 2008. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/gsdKxqMDzFXQDjr5TVSvqbp/?format=pdf&lang=pt>

BENETTI, I. C., VIEIRA, M. L., CREPALDI, M. A. & SCHNEIDER, D. R. **Fundamentos da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner.** Pensando Psicologia, 9 (16), 89-99, 2013.

Recuperado de

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722009000100012

BRITO, R. C. & KOLLER, S. H. Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. In A. M. Carvalho (Org.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**, (pp.115-130).

São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRONFENBRENNER, U. **Ecologia da família como um contexto para o desenvolvimento humano: pesquisa, perspectivas.** Developmental Psychology, 22, 723-742, 1986.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human: Bioecological perspectives on human development.** Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004. Recuperado de

<https://eric.ed.gov/?id=ED500312>

BRONFENBRENNER, U. **The bioecological theory of human development.** In:

- Bronfenbrenner, U., Making human beings human: Biocological perspectives on human development. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2005. Recuperado de <https://psycnet.apa.org/record/2004-22011-000>
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDO SOCIOECONÔMICO - DIEESE. **Quem são os idosos brasileiros.** *Boletim Especial*, 4 (1), 2020. Retirado de <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.pdf>
- DIAS, T. L. & LEITE, L. L. G. **Rede de apoio social e afetivo e estratégias de enfrentamento na doença falciforme: um olhar sobre a pessoa e a família.** *Psicologia em Revista*, 20 (2), 353-373, 2014. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682014000200010
- GRIEP, R. H.; CHOR, D.; FAERSTEIN, E.; WERNECK, G.L.; LOPES, C. S. **Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde.** *Cadernos de Saúde Pública*, 21(3), 703-714, 2005. Retirado de <https://www.scielo.br/j/csp/a/pQqjrzXMjL7ptDFf86mVgMQ/?lang=pt>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2019). **Idosos indicam caminhos para uma melhor idade.** 2019. Retirado de <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhoridade.html>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Com envelhecimento, cresce número de familiares que cuidam de idosos no país.** 2020. Retirado de <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais.html>
- JULIANO, M. C. C. & YUNES, M. A. M. **Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência.** *Ambiente & Sociedade*, 17 (3), 135-154, 2014. Retirado de <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?lang=pt&format=pdf>
- KARNELL, L. H., FUNK, G. F., CHRISTENSEN, A. J., ROSENTHAL, E. L. & MAGNUSON, J. S. **Sintomas depressivos pós-tratamento persistentes em pacientes com câncer de cabeça e pescoço.** *Head & Neck*, 28 (5), 453–461, 2006. doi: 10.1002/hed.20370 Retirado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/hed.20370>
- LEI Nº 10.741 DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. **Estatuto do idoso** - Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. Recuperado de: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf?sequence=2>

MCGOLDRICK, M. As

mulheres e o ciclo de vida

familiar. In: B. Carter &

M. McGoldrick & Cols. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (pp. 30-64). 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MORAIS, A. N., RAFFAELLI, M. & KOLLER, S. H. **Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o continuum risco-proteção.** Avances en Psicología

Latinoamericana, 30 (1), 118-136, 2012. Retirado de

http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S179447242012000100010&script=sci_abstract&tlng=pt

PAPALIA, D. E. & FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano** (recurso eletrônico).

12ª. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PINTO, J. L. G.; GARCIA, A. C. O.; BOCCHI, S. C. M. & CARVALHAES, M. A. B. L.

Características do apoio social oferecido a idosos de área rural assistida pelo PSF.

Ciência e Saúde Coletiva, 11 (3), 753-764, 2006. Retirado de:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/hrjqT7dJBB95zrghY796Khk/?lang=pt>

POLLETO, M. & KOLLER, S. H. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção.** Estudos de Psicologia, 25(3), 405-416, 2008. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/DycNK6BKd8jJmr5rmJk8P9D/abstract/?lang=pt&format=html>

POLONIA, A. C., DESSEN, M. A. & SILVA, N. L. P. **O modelo bioecológico de**

Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: M. A. Dessen, &

Costa Junior, A. L. (Orgs). A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras (pp. 71-89). Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

ROCHA, R. Z., GALELI, P. R. & DE ANTONI, C. **Rede de apoio social e afetiva de**

mulheres que vivenciaram violência conjugal. Contextos Clínicos, 12, (1), 2019. doi:

10.4013/ctc.2019.121.06 Retirado de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822019000100007

SANTANA, J. J. R. A., ZANIN, C. R. & MANIGLIA, J. V. Pacientes com câncer:

enfrentamento, rede social e apoio social. *Paidéia*, 18(40), 371-384, 2008. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/xpY5WpRPHYCBbWVPQyZYPVf/?format=pdf&lang=pt>

SANTOS, P. A.; HEIDEMANN, I. T. S.B.; MARÇAL, C. C. B. & ARAKAWA-

BELAUNDE, A. M. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de

envelhecimento. Audiology Communication Research, (24), 20-58, 2019. Recuperado de:

SciELO - Brasil - A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento

A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento

SEIBEL, B. L., FALCETO, O. G., HOLLIST, C. S., SPRINGER, P., FERNANDES, C. L. C. & KOLLER, S. H. **Rede de Apoio Social e Funcionamento Familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social**. Pensando Famílias, 21(1), 120-136, 2017.

Recuperado de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100010

SHERBOURNE, C.D. & STEWART, A. L. **A pesquisa de suporte social (MOS)**. Ciências Sociais e Medicina. 32(6):705-714, 1991. Disponível em

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/027795369190150B?via%3Dihub>

SILVA, C. F. S. **Relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família: caracterização e repercussões**. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco, 2019. Retirado de:

<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1103>

SILVA, G. V., MORAES, D. E. B., KONSTANTYNER, T. & LEITE, H. P. **Apoio social e qualidade de vida de famílias de crianças com cardiopatia congênita**. Ciência e saúde coletiva, 25 (8), 2020. Retirado de

<https://www.scielo.br/j/csc/a/qCTY3zCpyw5rpfv6vG5RJcx/?lang=pt>

YUNES, M. A. M. **Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família**.

Psicologia em Estudo, 8 (número especial), 75-84, 2003. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/pe/a/8NB6nkqmK49dWHJYbqXLfDB/?format=pdf&lang=pt>

YUNES, M. A. M., GARCIA, N. M., & ALBUQUERQUE, B. M. **Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da**

convivência familiar. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20(3), 444-453, 2007. Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/prc/a/TWdGnxnk7zPDWp3pKxhhHkq/abstract/?lang=pt>

OBSERVAÇÕES: Os autores deste artigo não autorizam sua publicação, pois o manuscrito já foi publicado na referência abaixo. A apresentação oral se deu com intuito de realizar a veiculação do material em meio acadêmico.

*VILELA, D. DA S. D., SILVA, C. F. DE S., & DIAS, C. M. DE S. B. **Apoio social de jovens a pessoas idosas: uma leitura bioecológica**. Revista Kairós-Gerontologia, 25(1), 131-151. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP, 2022.